

LITERATURA E SOCIEDADE: A MÚSICA DE DÉLIO E DELINHA

Laura Lopes Ribeiro (UEMS)
lauralopes2007@yahoo.com.br

RESUMO

Este texto apresenta resultados de pesquisa a partir da escolha sobre os temas literatura e sociedade, em que estes são estudados a partir de descrições e análises autorais de literatura, sociologia, mas também antropologia e história. Justifica-se este trabalho de pesquisa pela relevância que tem em esclarecer pontos que interessam à sociedade, para que perceba sua identidade; à universidade, pois se trata de tema de alta relevância no interesse de estudos, e para os acadêmicos em geral, por tratar-se de um ponto que gera discussões proveitosas. O objetivo, a partir da citada justificativa de escolha temática é investigar surgimento, desenvolvimento e influência literária no que toca ao lírico-amoroso, com desdobramentos para a música, com Délio e Delinha como grandes representantes culturais através de trabalho com letras que esclarecem os indivíduos sul-mato-grossenses. A metodologia de pesquisa, exploratória, é bibliográfica quanto à investigação, cujos principais resultados estão ligados à importância de sustentar uma identidade própria quanto à cultura, que geralmente fortalece a conquista de divisas para uma região.

Palavras-chave: Literatura e sociedade. Identidade. Romantismo. Délio e Delinha.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é realizar um estudo descritivo sobre pontos da cultura em geral, principalmente a literatura e composição musical, alinhando-os com a trajetória histórico e artística da dupla sertaneja Délio e Delinha, do Mato Grosso do Sul, grandes representantes de um mosaico-cultural estabelecido mesmo antes da divisão dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A história cultural do homem é indissociável de uma explicação sobre este, em qualquer campo das ciências humanas. Não há como distinguir o homem de sua cultura, se este é analisado, para uma finalidade qualquer, dentro do conjunto de estudos que busca entendimentos e soluções de problemas sociais humanos. Com esta consideração torna-se justificável a realização de estudos sobre objetos culturais que esclareça indivíduos de certa região e revele aspectos de sua linguagem artística e/ou cultural, que tragam elucidação sobre a formação de sua comunidade.

Entendendo cultura basicamente como um conjunto de padrões comportamentais em que se somam valores relacionados às crenças, costumes, conhecimentos, dando identidade a grupos sociais e arte uma forma que pode variar em seus elementos e dinâmicas, a fim de representar expressões dos referidos grupos, tem-se como relevante a verificação de objetos e pontos que revelem identidades culturais.

A arte pode ser expressada basicamente na pintura, em que se tem exemplos bastante antigos na humanidade, na arte plástica, na música e nas expressões literárias. Esses são os principais modos de se exprimir a arte, sem desconsiderar o teatro, o cinema e várias outras que acabam por integrar muitas vezes objetos de diferente composição artística criadora do homem.

O estado de Mato Grosso do Sul tem aparecido com destaque no cenário nacional musical atual, em consideração ao sucesso de alguns cantores que se tornaram populares, alguns inclusive com destaque internacional, no universo sertanejo pop. Esse fato traz o momento oportuno, talvez, para uma reflexão a partir das raízes da formação musical e a influência que esta sofre da sociedade devolvendo depois objetos que podem contribuir com a verificação da identidade da região, considerando que muitas vezes, principalmente a música regional, expressa objetos que definem o grupo social.

Considerando a raiz musical da região sul-mato-grossense, encontra-se a dupla Délio e Delinha como sujeitos de destaque na construção histórica do acervo de músicas que indiscutivelmente ao analisarmos suas composições, notamos tais produções ligam-se através do tempo e do interesse artístico e cultural as pessoas em suas identificações com o Estado e suas várias regiões.

Délio e Delinha servem para evocar estudos que exigirão passagem em objetos teóricos que comporão o panorama geral e primordial da arte, representada na ligação entre literatura, história, sociologia e outras disciplinas que ligam-se a objetos vivos como músicas que vão passando de geração em geração e definindo aquilo que permanece ou se torna ponto de saudosismo, com alto valor para a eterna necessidade humana de se identificar.

Este artigo traz uma linha reflexiva com descrição de entendimentos sobre objetos artísticos presentes no interesse teórico de estudiosos da literatura e disciplinas afins. Traz também descrições teóricas que ligam literatura e sociedade, como fonte de inspiração musical, tocando em ob-

jetos como o Romantismo, o amor à região em que se vive, o saudosismo, que alinhavam considerações necessárias à escolha de apresentar a relação de literatura e sociedade, na música regional de Mato Grosso do Sul, com passagens sobre os vários pontos gerais sobre o tema, que ajudam a definir a identidade deste estado e consequentemente do país.

A metodologia empregada na confecção deste artigo de natureza bibliográfica é o de fichamento com costura de resumos em uma linha dedutiva que vai de pontos gerais da cultura e arte, chegando à dupla Délio e Delinha como representantes dos vários valores conjuntos na formação cultural musical do estado de Mato Grosso do Sul. A capitulação segue uma ordem cronológica, embora algumas vezes sejam abertas proposições independentes do tempo, com valorização aos entendimentos atuais sobre os pontos da temática proposta.

O desenvolvimento textual inicia-se com uma reflexão geral, a partir de posicionamento cultural vindo da área de antropologia e passa por todos os pontos universais sócio culturais e literários, buscando manter uma linha ligada ao foco da música regional.

2. O nascimento e proposta da arte

Considerando a arte uma mistura de inclinação natural geral: “pode-se encontrar, sem dúvida, na origem de toda vocação artística, certa escolha indiferenciada que as circunstâncias, a educação e o contato com o mundo só mais tarde irão particularizar” (SARTRE, 1993, p. 9) à realização de uma escolha bastante particular é possível inferir que aleatoriamente, os primitivos humanos, como atestam algumas cavernas com determinadas pinturas bastante rústicas, podem ter lançado a pedra fundamental da expressão chamada arte, que estaria sempre atrelada aos fatores reais, aos fatos sociais.

Sobre este aspecto da impossibilidade de produzir poesia (arte) totalmente dissociada dos valores sociais, vários poetas afirmam com convicção:

A criação de uma poesia pura não tem sentido. Se realmente é poesia, sempre é impura, pois arrasta o vital do homem. O processo de cristalização do poético a que pretendem chegar os defensores da poesia pura, para obter um produto tão depurado como o mais puro corpo químico, somente consegue eliminar, juntamente com as impurezas, a verdadeira poesia. Não há outra explicação para o poético que a crença em um estado superior de vida para o

homem, porém não uma vida além ou aquém da real, mas sim esta vida concreta que vivemos aqui, com os pés sobre a terra (PELLEGRINI, 2001, p. 55).

O poeta argentino (PELLEGRINI, 2005) não deixa dúvidas quanto a sua opinião, corroborada por outros autores em diversas maneiras, de que os valores presentes na arte são sempre finalmente os valores próprios da dos interesses humanos, de sua cultura e tudo que abarca.

Assim é que não é difícil de imaginar que embora o homem tenha em si natureza também mística e os primórdios religiosos o puseram a acreditar que elementos como o sol ou relâmpagos fossem deuses e suas manifestações diretas, na verdade grande parte das pinturas rupestres indicavam atos do cotidiano ou vontades puramente humanas, o que acaba por se traduzir em uma linguagem, considerando esta quando abarca a área da semiótica:

É a construção de signos que, na interação com os receptores, produzem significados. Toda a ênfase aqui recai sobre o texto e o modo como é lido, sobre o processo de descoberta de significados que ocorre quando o receptor interage e negocia com o texto. Essa negociação implica a experiência cultural baseada em códigos e signos compartilhados em maior ou menor média. Assim sendo, a mensagem não é algo enviado de A para B, mas um elemento de uma relação estruturada que inclui o emissor/receptor e a realidade externa (SANTAELLA, 2001, p. 01).

Esta proposição encontrada em um trabalho direcionado às pinturas rupestres como representação da imaginação do homem primitivo confirma a dependência da cultura quanto aos códigos e signos; demonstrando a evidência da relação entre os produtores de arte com a leitura social que fazem previamente à transformação artística que impõem sobre seus objetos de expressão.

Para Gondim (2012), a construção de signos é dependente de uma leitura que leva ao acúmulo de conhecimentos, isso é primordial no homem, assim como é também de seus primórdios, a realização artística a partir de conhecer algo, o que leva àquela proposição de há pouco, em que o poeta argentino Aldo Pellegrini (PELLEGRINI, 2001) afirma a produção poética (artística) somente possível através do conhecimento das coisas essencialmente humanas.

O acúmulo humano de conhecimento através da passagem de uma geração para outra, com o auxílio de emprego de costumes, além da inclinação natural do indivíduo social em fazer essas passagens, é chamado de background cultural por alguns antropólogos que o explicam. Linton (2000) explica que esse background veio muitas vezes através de estímu-

los de várias espécies, mas predomina nessa passagem a complexidade da linguagem, a transformação que o homem deu aos sons, trazendo-os a outras maneiras comunicativas que representariam em si, valores muito próximos, às vezes traduzindo com bastante fidelidade, o que os sons podem significar:

Um dos fatores mais importantes no progresso da cultura até sua situação presente tem sido o uso da linguagem. Dificilmente poderíamos duvidar de que o falar humano tenha evoluído a partir dos gritos dos animais; não sabemos, porém, quando nem como nossos ancestrais avançaram o grande passo da simbolização de ideias por meio de agregados de sons (LINTON, 2000, p. 89).

O próprio autor (LINTON, 2000) reconhece que há ainda fortes implicações que trazem grande dificuldade às revelações completas sobre a linguagem, mesmo com todo o entrelaçamento de estudos sobre esta. Mas é possível entender hoje, já com bastante clareza, que o exercício linguístico em qualquer modalidade ou objetivo envolve a decodificação. E, como se viu, mesmo quando é dada ao exercício poético, não consegue esquivar-se de carregar valores terrenos por excelência; a linguagem é um dote que naturalmente traz em seus objetos as significações sociais, portanto, mesmo que esteja em uma pintura, uma estátua, um livro, um filme, uma peça, uma música.

Uma música, entendida em seu sentido comum, no universo popular atual, geralmente evoca a união de conjuntos sonoros vindos de instrumentos acústicos ou eletrônicos, unidos a um trabalho de escrita que esclarece melhor os significados presentes no esforço artístico.

Há, certamente, músicas que precisam de um histórico para apresentar seus valores linguísticos. Uma “Nona”, de Beethoven, hoje traz como significado a irmandade dos homens, a fraternidade, tendo sido escolhido como música símbolo da União Europeia, mas para que saibamos disso é que se trata é preciso tocar no contexto histórico da criação da música e em outros casos no que se convém chamar “letra da música”.

A letra da música carrega em si uma proposta central, mesmo quando se trata de trivialidades amorosas, o que levará de alguma forma a assunto que será tratado adiante neste trabalho, o gênero “lírico”.

Entendendo que de alguma forma a letra de música é um gênero textual antes de tudo, e com dotes poéticos, mas contendo elementos sociais objetivos para sustentar uma espécie de “tese”. Neste sentido, ao criticar a obra do filósofo e escritor francês Jean Paul Sartre, um crítico

propõe a impossibilidade de uma realização literária sem um eixo central, uma tese central: “...não há arte literária que, direta ou indiretamente, não queira afirmar ou provar uma verdade. Mesmo o romance que é apenas uma narrativa para distrair carrega em si todas as espécies de teses...” (BLANCHOT, 1997, p. 187).

Se a palavra “tese” pesa muito sobre as considerações de letras de música, é preciso considerar que essencialmente, tiradas as extensões e complexidades de uma tese propriamente dita e de uma música que carregaria esta, em menor e mais simples modalidade, trata-se de uma produção textual, o que não evoca a famosa expressão que tenta resumir o trabalho do filósofo da linguagem, Derrida: “tudo é texto”, embora se deva ser prudente quanto à referida afirmação:

Derrida é acusado de reduzir tudo ao texto. A expressão “tudo é texto” é frequentemente atribuída para resumir violentamente a desconstrução. No entanto, o que Derrida chama de “texto” quer apontar para todas as estruturas ditas “reais”, “econômicas”, “históricas”, “socioinstitucionais”, em suma, todos os referenciais possíveis. É nesse sentido que não há “extratexto”, visto que todo referencial possível é, desde sempre, diferido, cortado pela diferença. Escreve Derrida: “todo referencial, toda realidade tem a estrutura de um traço diferencial e só nos podemos reportar a esse real numa experiência interpretativa. Esta só se dá ou só assume sentido num movimento de retorno no diferencial (PUC-RIO, 2012, p. 3).

O que interessa a este trabalho é utilizar a afirmação de Derrida, considerando-se seu status em relação aos estudos linguísticos, para deixar claro posicionamento de promover a letra de música a texto literário, servindo-se disto para a análise sobre o trabalho de Délio e Delinha nesta pesquisa, e também de outras considerações a esta ligadas.

A ligação dos textos musicais aos textos literários, acabam por remeter à necessidade de se entender o Romantismo e objetos a ele ligados, que são determinantes no entendimento da musicalidade romântica no papel de construtor cultural. Com tais considerações passa-se ao capítulo, portanto, que verifica e analisa o Romantismo, seus elementos e objetos essencialmente a ele ligados.

O que é cultura? Partindo de uma explicação bastante primordial, fornecida pelos nossos dicionários, pode-se entender que seja simplesmente o conjunto de conhecimentos que um indivíduo ou grupo social acumula a partir do funcionamento social de seu tempo e que envolve padrões, crenças, conhecimentos, costumes e outros objetos de dinamismo social (HOUAISS, 2012). Esse conjunto de objetos e valores depende muitas vezes da capacidade de conservação de memória de um grupo so-

cial, envolvendo-se nesta, os cuidados com qualidade de informação. E é possível considerar que mesmo quando não existem os registros formais a passagem de determinada cultura não perde validade, considerando-se principalmente que é a linguagem que tornou possível ao homem distinguir-se como espécie e através dessa desenvolver e transmitir todo conhecimento útil (LINTON, 2000).

A cultura, como objeto de interesse a esse trabalho, baseia-se no conceito de que se trata de conjunto de valores e capacidade de transmissão destes, de indivíduos para uma mesma comunidade ou outras, e que serve como afirmação e revelação de identidade.

Considerando razões presentes neste trabalho, no que tange à importância da influência cultural da música regional, não somente pela própria propagação do objeto artístico “música” como objeto de cultura, mas também com transferência de valores mais amplos, como a própria necessidade de estabelecer identidade como um todo, ou imprimir uma marca econômica, por exemplo; no que pode se apontar músicas que valorizam o gado no Mato Grosso do Sul, propagando ideia de qualidade, é necessário expor a importância da linguagem, tanto aquela expressa sem palavras quanto a linguagem falada, escrita ou, no caso do exemplo da música, cantada em verso e/ou prosa.

3. Romantismo

O termo “romantismo”, ou “romântico” ou outros ligados a estes evoca normalmente nos indivíduos prontamente algo ligado aos seus afetos, a valores que suplantam outros de ordem prática e instalam-se em nossas imaginações, através de sonhos compartilhados ou particulares. Mesmo hoje, não há como dizer que o romantismo não é fortemente presente na literatura, na música, na pintura, na arte e vida humana, enfim. Contudo, o termo romantismo, como elemento da história da arte, tem um lugar específico: “o termo *romantic*” no século XVIII, designa o que a agrada a imaginação, o que desperta o sonho e a comoção da alma. No séc. XIX, surge o conceito de romantismo em oposição ao Classicismo. (RIBEIRO, 2010, p. 7)

Essa presença de espírito ligado ao romantismo está em grande parte da música nacional e regional, em que de diversas formas, conforme a criatividade e os objetivos, às vezes mesmo de natureza econômica, presentes na construção da letra, observemos abaixo um fragmento da

música “Antigo Aposento-1969” de Délio – José Pompeu (1925-2010) e Delinha – Delanira Pereira Gonçalves (1936), artistas populares, considerados autodidatas, ambos nascidos em Vista Alegre(Maracaju) no interior do então Estado de Mato Grosso:

Fui rever a minha terra
Pra matar minha saudade
Cheio de felicidade
Meus amigos encontrei
A noite estava clara com o seu luar de prata
Fui fazer a serenata invés de cantar chorei
Percebi logo a saudade na memória uma lembrança
Dos meus tempos de criança que brinquei na cachoeira
Saracura no banhado bem-te-vi lá no pomar
Quero ouvir o gorjear do sabiá laranjeira

(Délio e Delinha, 1969).

É possível interpretar na música, trecho biográfico de uma forte figura romântica, um lirismo ligado à natureza, ao patriotismo, ao saudosismo que a 1ª fase da vida causa-lhe nostalgia, os elementos marcantes na canção podem ser citados em ordem como: terra, saudade, felicidade, luar, serenata, chorei, lembrança(memória), criança, pássaros e aves, cachoeira, enfim todos remetem o sentimentalismo de pensar somente sobre si mesmo.

Alfredo Bosi destaca que é difícil, em última instância, definir o Romantismo, pois há abrangente riqueza de detalhes o caracterizando; que pertencem ao geral dos sentidos emotivos; destacando-se também o amor à pátria, à religião, ao próprio povo e seu passado; tudo isso, conforme Bosi (1994) é de fato destacado, especial, e acaba por trazer uma característica obrigatória aos textos, que é uma marca específica; entendendo-se neste caso, que tal marca poderia ser justamente o que é denominado por regionalismo, em que tal linguagem explicaria significados não alcançados pelos valores interpretativos gerais:

Nos outros ciclos culturais, o todo é algo mais que a soma das partes: é gênese e explicação. O amor e a pátria, a natureza e a religião, o povo e o passado, que afloram tantas vezes na poesia romântica, são conteúdos brutos, espalhados por toda a história das literaturas, e pouco ensinam ao intérprete do texto, a não ser quando postos em situação, tematizados e lidos como estruturas estéticas (BOSI, 1994, p. 67).

Para Bosi (1994) a base da visão romântica é o indivíduo; isso dá à poesia, à literatura caracteres de liberdade plástica; porém é preciso no-

tar que existia uma linha, no contexto histórico, que acabou por trazer um símbolo no Romantismo Brasileiro, que é o indígena:

Em um primeiro momento do romantismo, entre 1830 e 1840, procurava-se efetivamente uma figura que simbolizasse a nova nação. Não podia ser o branco português e tampouco o negro, uma figura que lembrava a sujeição da escravidão. Quem sobrava? O índio. Gonçalves Dias e José de Alencar representam isso muito bem. O curioso é que, ao contrário do Gonçalves Dias, muitos daqueles escritores jamais tinham visto um índio. Porque os índios já estavam afastados ou dominados, não eram visíveis a olho nu como no tempo da Colônia. É justamente quando o índio vira passado que ele se transforma ideologicamente, literariamente como uma figura. E uma figura bela (SCARRONE, 2010, p. 1).

Para Bosi (SCARRONE, 2010), busca-se, através da visão ao mesmo tempo idiossincrática dos autores, mas com certo padrão de nacionalismo da época, imprimir signos que sustentem a valorização ao nacional. Mas o autor nota que a partir dos anos 70, volta-se para uma visão mais científica; com o realismo, o cientificismo, o naturalismo, como uma espécie de antirromantismo; todas correntes que acabam por gerar o positivismo e evolucionismo, tendência claramente ocidental.

Mas a marca do romantismo não se extingue com esses fatos. E há certa espécie natural de inclinação à busca de impressão de valores regionais, em que se emprega a linguagem romântica, com visão apaixonada sobre valores locais ou emoções próprias, muitas vezes alavancadas em ilusões ou desilusões amorosas. Na opinião de Bosi (1994, p. 71) essa situação reflete uma saída do eu romântico para quando não encontra em si, representado por texto, uma resposta para os conflitos com a sociedade, observando-se que sempre caracterizado, o Romantismo, pelas marcas decorativas, pelo expressivo. Isso acaba por trazer, através da música “mais livre das artes”, uma entrega ao “fluxo infinito do Cosmos”, com exemplo do autor em Beethoven, com as palavras de Hoffmann “põe em movimento a alavanca do medo, do terror, do arrepio, do sofrimento...” (BOSI, 1994, p. 71).

No Brasil, para Bosi (1994), o mais bem poeticamente dotado de nossos poetas seria Álvares de Azevedo, que, embora tenha sido influenciado pelo Byronismo e Satanismo, integrando-se, inclusive a grupos boêmios de seu tempo, acabou por imprimir um trabalho que influenciava áreas políticas em luta para a democracia e âmbito de academia de Direito, além de sociedades secretas, o que revela valores patrióticos.

Segundo determinados autores (SCHUWARTZ, 2000), viria depois como o grande representante de ruptura com todos os antigos mol-

des românticos, Machado de Assis, quando traz um estilo e escolhas temáticas em que trabalha nem com forte carga de paixão a quaisquer valores patrióticos ou outros e nem construção em moldes “científicos”. Machado de Assis vem com uma maneira em que protege seus valores de maneira sutil, não se vergando senão à qualidade estrangeira, mas não ao estrangeirismo. Com tais propósitos, consegue dar maior personalidade à literatura nacional, sem deixar de impor valores essencialmente românticos.

Machado de Assis, conforme Schwartz (2000) utiliza a força de seus personagens e a construção de seus ambientes, para fazer muito sutilmente, porém carregando tudo com muito ceticismo até sarcástico, denúncias sobre hipocrisias sociais simplesmente ou estritas, como determinados atos políticos; notavelmente zombando de vários posicionamentos sobre conflitos raciais locais:

[...] a morte de Dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba – uma falta de caridade no que se refere à agregada, e ilusão no diz respeito à saúde mental própria. Sarcasticamente musical, a condução do argumento alterna os passivos com ativos que, salvo na perspectiva egoísta e classicista da personagem, não contrabalançam os primeiros, pois são outras tantas dívidas, tornando ainda mais pronunciado o desequilíbrio das contas. A tensão resolve-se na célebre frase final, por um superávit que é o déficit mais irrecuperável, ou por um déficit que é o único saldo que conta: “– Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria” (SCHUWARTZ, 2000, p. 204).

Assim, podemos refletir amplamente a questão no possível romantismo que a dupla Délio e delinha procuraram apresentar para seus fãs, por meio da representação lírico-amorosa de que fizeram consagrar suas canções que ainda hoje, contribuem mesmo que de uma forma considerada marginalizada, ou seja, sem os estudos e estéticas de uma academia literária, mas que possuem um estilo próprio de investigar a interioridade de seus personagens, expressos em cada uma das suas músicas e de um romantismo representativo que ganhou a aceitação de uma região.

Observa-se ainda sobre o romantismo histórico do Brasil, embora possa se acrescentar ou retirar elementos, de maneira geral pode ser entendida em palavras do próprio Antônio Gonçalves Dias:

Casar assim o pensamento com o sentimento, o coração com o entendimento, a ideia com a paixão, colorir isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento de religião e da divindade, eis a poesia, a poesia grande e santa, a poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como e a sinto sejam a poder traduzir (Período de *Primeiros Cantos* – julho 1846 [...]). (FERREIRA, 1964, p. 157)

Faltaria nesses elementos descritos pelo poeta, para trazer o trabalho romântico de Délio e Delinha à descrição desta pesquisa, apontar nessas “ideias com paixão”, “fundir tudo isto com a vida”, a presença do “amor à pátria”, o amor aos elementos que identificam o sujeito geograficamente e que encontram apoio no naturalismo, inclusive verificando-se que nas palavras de Gonçalves Dias, na citação anterior, ocorre menção à natureza. Em a nossa “Natureza Tropical”, encontra-se uma menção que define a citada situação, remetendo a aspectos históricos de uma rebeldia dos verdadeiros nativos brasileiros e daqueles que vieram à escravidão, trazidos da África, e que acabariam, como se viu em Castro Alves e Gonçalves Dias, tornando-se símbolos de resistência à dominação colonizadora e depositos, influente político:

Uma obra histórica sobre o Brasil deve ter igualmente a tendência de despertar e reanimar em seus leitores brasileiros amor da pátria, coragem, constância, indústria, fidelidade, prudência, em uma palavra, todas as virtudes cívicas. (...) Nunca esqueça, pois, o historiador do Brasil, que para prestar um verdadeiro serviço à pátria deverá escrever como autor monárquico-constitucional, como unitário no mais puro sentido da palavra (BOAVENTURA, 1987, p. 35).

Boaventura (1987) comenta que esse texto (a citação), originado da intervenção cultural de D. Pedro II, remete à importância política e papel estratégico de uma formação literária carregada de valores patrióticos, com emblemas demonstrativos da originalidade e criatividade de uma civilização propriamente tropical.

Continuando em Gonçalves Dias; é decisiva sua participação na fusão dos elementos naturais e patriotismo como referência, em sua obra “Canção do Exílio”: “Minha terra tem...; ...não permita Deus que eu morra, sem que volte para lá”. (BRASIL, 2012)

Considerando a produção regional de Mato Grosso do Sul, cabe ainda verificar que:

Todos esses elementos ajudaram a sedimentar um padrão em que se misturou a natural impressão de subjetividade, de idiossincrasias dos artistas, dos escritores regionais em cada área do país, a um padrão de nacionalidade com presença de valores que iniciaram sua construção no já referido período histórico romântico, em que vale verificar agora a formação cultural específica da região, com vistas sobre amostra da produção local de arte musical.

4. Os pioneiros da música no Mato Grosso do Sul

O regionalismo e a contemporaneidade encontra sua alta importância na crítica que se tece aos rumos culturais dentro de um contexto conhecido como “globalização”; e mesmo o próprio regionalismo, em sua essência, recebe críticas quanto à referida influência externa.

Resta dessa análise um reforço à importância da identidade, o que vem a reforçar o caráter positivo nas produções artísticas das várias espécies que tenham em si preservação do máximo possível de valores locais. Não somente representados esses valores locais em objetos distintos quanto à natureza física; como uma guampa de tereré, por exemplo; mas também dos próprios indivíduos como patrimônio local, em que entram duplas sertanejas, além dos vários artistas plásticos, de artes cênicas ou literárias e suas várias espécies derivadas ou mistas.

O título desse trabalho, literatura e sociedade, é ligado, conforme foram sendo tocados e expostos os objetos que compõe a pesquisa, mais aos textos poéticos, à essência romântica e lírica contida nas canções que moldaram grande parte da cultura musical de Mato Grosso do Sul. Nesse sentido é que se prossegue o trabalho agora tocando no ponto culminante da averiguação temática, que é expor fatos históricos que esclarecem o cenário musical sul-mato-grossense no avanço do tempo, até chegar à cultura atual.

Teixeira (1999, p. 25) ao realizar a abertura de sua obra, que trata da música sul-mato-grossense em sua origem, no que tange ao regionalismo, dá ao primeiro capítulo o direto nome de “História”, em que começa expondo sobre a relação da produção musical e o universo local: “a música de uma região é reflexo do homem que habita aquele lugar. E este homem é influenciado não só por seus sentimentos, também pelo que o rodeia”.

Essa afirmação de Teixeira (1999) remete não somente a objetos identificadores; a signos visuais; mas à própria construção artística como um conjunto de nichos, que somados resultam na totalidade que significa o ser social local, através do prisma da arte. Neste amálgama, em que se misturam todos os elementos, porém sem que se retire estes de suas esferas próprias, o “fazendeiro criador de gado bom” como sujeito social, as pessoas de gosto comum pela nobreza que apreciam este como indivíduo que afirma no bem querer ao seu animal vencedor de prêmios “em várias exposições no ano 68 ele foi o campeão” uma exposição deste como pro-

dução de essência dionisiaca, de puro deleite, de prazer (DELIO & DELINHA, 1968).

Esses elementos assinalados, constituem parte de uma literatura presente na arte musical regional de Mato Grosso do Sul, como forma de representação de uma fusão literatura e sociedade, com representação da primeira com os tons estéticos que lhe são peculiares e elementos físicos e abstratos distintos como valores próprios, pois, como se sabe esta região citada é dada à pecuária. Já, como valor geral, valor poético eterno, aparece o orgulho do fazendeiro, sua parte de desprendimento material, pela recusa em obter alto lucro com venda do animal estimado, embora de fato represente um próspero negociante de gado.

Delio & Delinha (1968) em encerramento a sua música Antigo Aposento, distinguem como ponto literário que torna fusão objetos regionais e valores românticos gerais, demonstram herança encontrada na obra de Gonçalves Dias e “as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam com as de lá” ao deixarem explícita a distinção afetiva própria (romântica), pela “Terra de Rondon”.

Encerra assim essa descrição e análise sobre o encontro de literatura e sociedade, com presença marcante de frutos regionais da produção artística literário-musical, que suscita uma análise conclusiva, que se dará a seguir.

5. Conclusão

A literatura e a sociedade têm em comum vários pontos, justamente porque se completam, porque, conforme a visão quase geral dos críticos e sociólogos, além de todos os outros estudiosos das áreas sociais, a literatura nasce da sociedade, e ela se pensa e reconstrói através das construções literárias.

Um ponto comum entre tantos está na grande abrangência que literatura e sociedade oferecem como tema. Falar de literatura e falar de sociedade evoca grandes esforços de objetivo, portanto, importa que se recoloque aqui o objetivo presente neste trabalho para concluir com a resposta a este: tratou-se de verificar o encontro entre valores sociais e valores literários históricos e atuais e desfilarmos análise sobre tais pontos, com culminância prevalente para a obra de Délio e Delinha como referência regional, participante de construção de identidade local e contribuinte de valores literários vindos do citado contexto histórico.

Responde-se, através da investigação presente nesta pesquisa, que é evidente a presença da herança nacional de valores literários na canção de autores locais, que tem em Délio & Delinha uma grande representação. Através da análise sobre pontos relevantes da música símbolo aqui escolhida “Antigo Aposento”, pode se perceber paridade a valores presentes, por exemplo, na obra de Gonçalves Dias em que exalta palmeiras e sabiás como símbolos de identidade. Isso traz o raciocínio de que temos “nossos pássaros” com “nossos valores locais”, já as aves de Gonçalves e “suas” (nossas) palmeiras, refletem pela poesia uma qualidade que fora do Brasil não poderiam ser igualada.

As ponderações remetem à conclusão de que a sociedade e a literatura ainda preservam entre si uma característica primordial, inabalável, são feitas na realidade uma da outra e qualquer estudo sobre a literatura trará obrigatoriamente os valores sociais presentes naqueles que foram escolhidos para representar a vontade de expressão do autor. Da mesma forma, ao analisar uma sociedade, para entendê-la será essencial verificar de que se constrói sua arte literária, inclusive aquela que se difunde de maneira tão abrangente, como tem se visto nos dias atuais, de mídia e informática que intensificou ainda mais o efeito globalizante.

Esse “efeito globalizante” é também parte desse encontro literatura e sociedade, pois releve à resposta aquilo que sempre foi representado como importação. Hoje é possível, com a velocidade das redes de relacionamento (sociais) tornar “da noite para o dia”, conhecidos, determinados valores artísticos sociais, ou seja, é possível que não somente altos valores pops como Luan Santana e Michel Teló sejam exportados, mas, a partir de trabalhos acadêmicos ou atos de divulgação pessoal, perceba-se que elementos guardados em músicas de Délio e Delinha, mais tradicionais, e outros, são também dignos de ampla visita para se conhecer literatura e sociedade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Tradutora Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. 5 impr. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRASIL. *Canção do exílio*. Gonçalves Dias. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000100.pdf>>. Acesso em: 12-11-2012.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francismo Marto. *Literatura brasileira*. São Paulo, Ática, 1989.

GONDIM, Caline Galvão. Pinturas rupestres: a representação da imaginação do homem primitivo. *Revista Temática*. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2012/Abril/pinturas_rupestres_homem.pdf>. Acesso em: 27-09-2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*/Stuart Hall. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro, 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. 1 [CD-ROM], 2001.

LINTON, Ralph. O Homem: *Uma introdução à antropologia*. Trad.: Lavinia Vilela. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PELLEGRINI, Aldo. *Obra poética*. In: _____. *O começo da busca – o Surrealismo na poesia da América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2001.

PUC-RIO. *Desconstrução: A escritura derridiana*. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/11425/11425_6.PDF>. Acesso em: 28-10-2012.

RIBEIRO, Raquel Alexandra Oliveira da Silva. *Romantismo: contextualização histórica e das artes*. Portugal: Instituto Politécnico de Castelo Branco. Escola Superior de Artes Aplicadas, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker, 2001.

SCARRONE, Marcello. Alfredo Bosi: Aqui no nosso então Terceiro Mundo, todos estudavam pensando em um diploma e em uma profissão. *Revista de História on line*. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/alfredo-bosi>>. Acesso em: 02-11-2012.

TEIXEIRA, Rodrigo. *Os pioneiros: A origem da música sertaneja de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Creative Commons, 1999.

VENTURA, Roberto. Estilo tropical: a natureza como pátria. *Remate de Males*, Campinas, vol. 7, p. 27-38, 1987.